



Dietética judaica, ritornelos e nações possíveis em *De amor e trevas*, de Amós Oz

Dietética judaica, ritornelos e nações possíveis em *De amor e trevas*, de Amós Oz

Flávio Pereira Camargo*

Universidade Federal de Goiás | Goiânia, Brasil

flaviocamargo@ufg.br

Jorge Alves Santana**

Universidade Federal de Goiás | Goiânia, Brasil

jorgeufg@bol.com.br.

Honesto e puro como um copo de água gelada num dia de שָׂרָאָב (sharáv).

(Amós Oz)

E pensando bem imagine com que profundo desprezo Tolstói olharia para uma pessoa que comprasse um tipo de queijo e não outro só por causa de diferenças de religião, nacionalidade e raça!

(Amós Oz)

Resumo: Este artigo analisa aspectos da dietética judaica estendida à produção alimentar ideologizada, bem como à cultura palestina, no objetivo de compreendermos fatos conformadores da territorialização sociopolítica da geopolítica israelense e palestina. Tal análise possui como base a robusta narrativa *De amor e trevas* (2002), de Amós Oz, que traça um complexo e heterogêneo panorama da família desse pensador ativista, bem como das duas sociedades nas quais ele se insere para também refletir sobre a necessidade da formação identitárias dos dois povos, identidades-ritornelo (DELEUZE; GUATARRI, 1997) que arquitetam nações inventadas (ANDERSON, 2008) nas possibilidades culturais e sociopolíticas da mixofilia (BAUMAN, 2013). Essa condição dietética passará necessariamente pela natureza e funcionalidade do “kibutismo” (SANTANA, 2018), uma das fontes principais de práticas produtivas e ideológicas alimentares e éticas que conformam as possibilidades de formação equânime dos dois estados em condições dialógicas e pacíficas.

* Professor da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás.

** Professor da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás.



Palavras-chave: Amós Oz. Nacionalidade. Dietética judaica.

Abstract: This article analyzes aspects of the Jewish dietetics extended to the ideologized food production, as well as the Palestinian culture to understand facts that conform the sociopolitical territories of the Israeli and Palestinian geopolitics. This analysis is based on Amos Oz's (2002) *Of Love and Darkness* robust narrative which traces the intellectual activist's family's complex and heterogeneous panorama, as well as the two -societies in which he is inserted to also reflect on the need for identity formation of the two people, identities-ritornels (DELEUZE; GUATARRI, 1997) that build invented nations (ANDERSON, 2008) in the cultural and sociopolitical possibilities of mixophilia (BAUMAN, 2013). Such a dietary condition will necessarily go through the nature and functionality of "kibbutism" (SANTANA, 2018), one of the main sources of productive and ideological food and ethical practices that conform the possibilities of the two states' equanimous formation in dialogical and peaceful conditions.

Keywords: Amós Oz. Nationality. Jewish dietetics.

Introdução

Amós Oz em parte inicial de sua robusta e singular narrativa *De amor e trevas* conta-nos uma das peculiaridades econômicas de sua família recém-chegada à Jerusalém.¹ Perante a tradição de amor e respeito à cultura livresca e seus

¹Amós Oz (Amos Klausner) nasceu em Jerusalém em 4 de maio de 1939 e faleceu em 28 de dezembro de 2028, sendo enterrado em seu kibutz de predileção, que é o de *kibbutzim de Hulda*. De família oriunda de Odessa, na Ucrânia, de ramo Asquenazita, que se muda, na década de 30, para Jerusalém em uma das maiores diásporas do povo judaico em tempos das duas grandes Guerra Mundiais. Amós é dos mais reconhecidos e amados escritores israelenses, bem como no panorama mundial, produzindo prosa ensaística, literária, híbrida, entre outras tantas atividades culturais e de ativismo sociopolítico que baseiam sua notória postura em relação aos processos de paz (como é o caso do movimento *Paz Agora/ Shalom Akhshav* - שלוםעכשיו) que intenta a possibilidade sociopolítica da formação dos dois estados (Israel e Palestina) em territórios próprios, porém interligados por questões culturais próprias e assemelhadas entre esses dois povos. Sua família é um grande exemplo social e político de formação intelectual, valorizando exemplarmente a educação formal e informal, bem como a produção escrita sobre temas caros aos povos do Oriente Médio, bem como com suas habituais ligações com os demais povos da Europa, Ásia, África e Américas. Ainda adolescente, Amós se retira de Jerusalém indo viver no histórico e famoso *Kibbutzim Hulda*,



derivativos na realidade cotidiana, sua família se encontrava quase que em condição de penúria perante necessidades alimentares diárias, tais como a necessidade de se adquirir alimentos para uma simples e básica dietética² do *Shabat*, como acompanhamos:

Aconteceu por duas ou três vezes de não termos dinheiro para comprar os mantimentos para o *Shabat*. Então minha mãe fitava meu pai bem nos olhos, e ele compreendia que era chegada a hora da escolha e se aproximava da estante de livros. Era um homem de sólidos princípios morais e sabia que o pão devia preceder os livros e que o mais importante de tudo devia ser o cuidado com o filho. [...] Lembro-me bem de suas costas curvadas ao sair de casa, levando três ou quatro dos seus queridos livros. Com o coração apertado, ele ia à loja do sr. Meyer vender alguns exemplares valiosos como se os cortasse de sua própria carne. Assim, curvadas certamente estavam as costas de Abraão ao sair de sua tenda de madrugada, carregando Isaac no ombro a caminho do monte Moriá. [...] Em geral, passadas uma ou duas horas, meu pai voltava sem os livros e trazendo sacos de papel pardo com pão, ovos, queijo, e às vezes também uma lata de carne em conserva.³

local em que se esforçará para aliar o trabalho de cultivo da terra, para a produção de variados alimentos e correlatos, com a consolidação de sua intelectualidade cosmopolita e, ao mesmo tempo, amplamente voltada para questões de Israel e suas relações com a vizinhança árabe palestina. Sua formação está fortemente voltada aos ideais, princípios e valores do “kibutismo” como prática produtiva de alimentos para a manutenção de seu povo, bem como se relacionando à ideia de que a vida no kibutz deve incluir formação formal e informal popular para a pessoa ser capaz de aliar a dimensão ecológica à complexa dimensão social urbana contemporânea.

² Para maior compreensão da dietética judaica (ou relações entre culinária e nacionalidades), seja a religiosa ou a laica, em suas peculiaridades fundacionais, funcionais, e socioculturais, queira acompanhar: CHABAD, 2003; CANESQUI; GARCIA, 2005; ENDE, 2006; GRUNBLATT, 2023; KO'SHER CHECK, 2023; LIMA, 2009; TOPEL, 2003; MONTANARI, 2008; RODEN, 1996; SELBY, 2013; SHAPIRO, 2006; entre outros.

³ OZ, 2006, p. 40-41.



A atitude paterna é comparada ao sacrifício de Abraão ao sacrificar seu próprio filho no intento de obedecer e consolidar laços com a divindade que o tornaria um dos patriarcas de seu povo. Pães, ovos, queijo, e, às vezes, uma lata de carne em conserva eram trazidos ao lar, configurando um intenso sacrifício de uma família devota à formação cultural de modo tenaz, perante necessidades prementes da realidade factual de seu país em formação. Tal sacrifício familiar e coletivo ocorre em um Estado de Israel em franca constituição como nação, construindo, pois, suas ações pragmáticas, bem como suas narrativas de resistência, de resiliência, e de empoderamento etnoracial heterogêneo, diverso e ontologicamente repleto de conexões entre os variados povos de cultura judaica advindo de vários locais da Europa, Ásia e África sob o peso histórico de uma de suas maiores diásporas.

Ao lado da tradição *casher* de uma estrita culinária milenar, contendo os tradicionais, por exemplo entre outros, suco de uva, canja de galinha com *kneidalach*, *cholent*, *chalá*, *tahines* de peixe, salada de *sushi*, arenque, tabule de trigo sarraceno, *kiguel*- entre tantos outros pratos culinários de tantas tradições judaicas de tantos locais diferentes – há os espaços multiculturais e sociopolíticos em Israel e nos territórios Palestinos das décadas de 30, 40, e 50, e que especificamente conformam as estruturas de base para os futuros estados nacionais, exigindo que novos comportamentos coletivos fossem adotados em uma espacialidade até então imprópria para a produção de bens alimentares para tão grande população, bem como pelas dificuldades de convívio com as vizinhanças de outras etnorraças, que também não foram preparadas adequadamente pelos organismos multinacionais encarregados de operacionalizar condições razoáveis para a construção dos dois novos estados no pós-Segunda Guerra Mundial.

Nesse contexto, tendo como base *De amor e trevas*,⁴ acompanharemos de modo analítico, tendo como base a referida narrativa de Amós Oz em sua vinculação

⁴ O ensaísta brasileiro Pedro Fernandes, em um breve e percuciente ensaio sobre essa narrativa fulcral de Amós Oz, aponta, entre outros comentários analíticos e ponderações judicativas, o que seriam três principais núcleos dessa obra. Para ele: “A longa investigação conduzida por Amós Oz em *De amor e trevas* se desenvolve em torno de três compromissos específicos: uma responsabilidade para com a memória dos seus antepassados; uma leitura sobre os traumas familiares e as implicações disso na sua formação pessoal; e uma tentativa de deslindar os misteriosos e caminhos casuais e propositais que o levam à escrita tendo por limite encontrar os pontos que convergem entre a criança e o adolescente que foi, e o homem que é. No fim, o que se revela não é apenas um



com certa dietética judaica, vinculada à imaginação de como se formam as nações (ANDERSON, 2008), os temas que tratam dos ritornelos das identidades possíveis (DELEUZE; GUATARRI, 1997) do Estado de Israel e de sua vizinhança árabe palestina; bem como a condição relacional da mixofilia (BAUMAN, 2013) lutando para prevalecer nas relações humanitariamente éticas e dialógicas entre os dois estados. Como base cultural voltada para a alimentação, também observaremos a importância dos dispositivos socioculturais do “kibutismo” (SANTANA, 2018) para a vinculação de segmentos populacionais altamente intelectualizados às atividades campestres da produção de alimentos e seus derivativos para a sustentação do novo estado que surgia, bem como dos demais vizinhos que, apesar das bases bélicas seculares, haverão de intercambiar culturas alimentares, entre outras tantas culturas, para a construção de espaços equânimes e de convívio razoavelmente pacífico.

1 O ritornelo das identidades possíveis

Explicando como sua família se instala em Jerusalém na década de 1930 do século XX, Amós Oz nos esclarece sobre a singularidade do convívio diário entre famílias judaicas de várias origens, via diáspora, com segmentos populacionais árabes palestinos que também viviam nos territórios israelenses que seriam designados como tal por tratativa legal que instaurará o Estado de Israel em 1948. O convívio social era, pois, heterogêneo e conseqüentemente repleto de posições etnoraciais peculiares que levavam ao diálogo ou ao dissenso bélico, sendo que essa segunda condição era a mais recorrente, pois a região recebia robustas ondas migratórias de judeus advindo da Europa Oriental e da Ocidental.

Tais dissensos se percebe em várias esferas socioculturais. Para esse nosso breve estudo, destacamos aquele relacionado à dietéticas dos dois povos, que por mais que se assemelhem, do ponto de vista político pode se perceber separações arbitrárias que focam na produção e manutenção do que seriam identidades nacionais singulares e excludentes. A situação que nos exemplifica tal contexto, é a lembrança de Amós Oz de quando sua família vai ao comércio comprar um simples queijo para suas refeições do *Shabat*. O caso do queijo é visto nesse excerto que, por sua importância, merece a longa transcrição:

retrato possível do criador e sim as matrizes ideológicas enformadoras de um mundo invocado à luz de um deslocamento necessário das imposições e dos determinismos. Isto é, alcança o intervalo entre um mundo que caduca e outro que desponta ainda movido pela mesma força universal dos povos: a plenitude de viver”. (FERNANDES, 2023).



Tínhamos uma lei férrea, não comprávamos nada importado, nada vindo do estrangeiro se fosse possível achar algo semelhante produzido em Israel. Mas quando íamos ao armazém do sr. Auster, na esquina da rua Ovádia com a rua Amós, de qualquer modo éramos obrigados a escolher entre o queijo produzido no kibutz e distribuído pela Tnuva e o queijo árabe. Será que o queijo árabe, vindo da aldeia vizinha, Lifta, podia ser considerado produto local, ou contava como importado? Complicado. Porém o queijo árabe era um pouquinho mais barato. Mas se você comprasse queijo árabe, não estaria traindo o sionismo? Em algum lugar, no kibutz ou no moshav, no vale de Yzreel ou nas montanhas da Galiléia, vivia uma jovem pioneira que, talvez com lágrimas nos olhos, tinha embalado esse queijo hebraico para nós — como podíamos dar as costas a ela e comprar um queijo estrangeiro? A mão não iria tremer? Por árabes, estaríamos aprofundando e eternizando com nossas próprias mãos o ódio entre os dois povos, e o sangue que corresse, *D'us* nos livre, recairia sobre nossa consciência. Pois o humilde camponês árabe, aquele que trabalha com a terra, simples e honesto, cuja alma ainda não foi conspurcada pelos vícios da metrópole, esse humilde camponês é o irmão moreno daquele singelo mujique de alma nobre dos contos de Tolstói! E nós seremos tão cruéis a ponto de dar as costas ao seu queijo? Será que nosso coração endureceu a ponto de infligirmos a ele esse castigo? Por que a pérfida Albion e os efêndis corrompidos incitam esse pobre campônio contra nós e contra nossos empreendimentos? Não. Desta vez compraremos, altivos, o queijo artesanal árabe, que a bem da verdade é um pouco mais gostoso do que o queijo da Tnuva, além de ser um pouco mais barato. Mas apesar disso, por outro lado, quem sabe se a produção deles não prima pela higiene? Quem sabe como são as condições da ordenha por ali? O que pode acontecer se descobrirem, tarde demais, que o queijo deles estava cheio de micróbios? Os micróbios faziam parte dos nossos piores pesadelos. Como os anti-semitas: você nunca consegue ver com seus próprios olhos um anti-semita nem um micróbio. [...] Uma pequena discussão aconteceu entre as freguesas do armazém do sr. Auster. Comprar ou não



comprar o queijo dos árabes? Por um lado: “Mateus, primeiro os teus” (ou, a caridade começa em casa), e, portanto, nosso dever era comprar o queijo da Tnuva. Por outro lado, diz a Bíblia: “Haverá uma só lei para vós e para o estrangeiro que vive sob vosso teto”, e, portanto, devemos comprar de vez em quando o queijo dos nossos vizinhos, os árabes, pois: “Juntos viveram na Terra do Egito”.⁵

No rico e detalhado trecho, Amós Oz nos oferece um dos maiores dilemas do ainda incipiente povo israelense em produzir suas narrativas de origem da nacionalidade contemporânea. O dilema é construído por valiosos valores e princípios semitas quanto à necessidade de preparação do solo israelense como nação reconhecida pela região do Oriente Médio e pelo mundo inteiro. Assim, há toda uma educação oficial para que a população aprenda, valorize, reproduza e difunda elementos de sua tradição milenar, principalmente em relação à sua dietética disposta na tradição oral e nos livros sagrados para a tradição israelense religiosa e, também, para a laica.

A aparente simples compra de um queijo é disposta pelo narrador como a escolha entre universos socioculturais que vão da Cooperativa Tnuva – que foi e continua sendo um dos principais dispositivos políticos para produção de variados alimentos que sustentarão o processo de reterritorialização capaz de gerar e consolidar o Estado de Israel – à produção artesanal de alimentos oriundos de zonas rurais cultivadas de modo artesanal por segmentos populacionais árabes palestinos. De modo crítico e dialético, seguimos Amós Oz exercitar aí o seu raciocínio amplamente dialógico, empático e justo quando levanta várias regulações e tradições dos dois povos para chegar à conclusão de que se haverá de buscar o equilíbrio entre o próprio e o alheio, visando a consolidação de uma convivência respeitosa e pacífica. Ao mesmo tempo se valoriza os esforços dos trabalhadores dos *kibutzim* e dos *moshavim*, bem como se valoriza os esforços milenares dos segmentos árabes palestinos que cultivam sua produção de alimentos e correlatos de modo ainda artesanal, assegurando também, na medida do possível, boa qualidade e bom preço nas relações de comércio que são feitas entre pessoas dos dois povos que dividem, por vezes, os mesmos espaços físicos.

Esse exercício ético e dialético feito, por exemplo, no longo excerto acima, não foge, porém da usual posição de cautela e de medo quanto ao povo tido como exterior e diferente da sociedade israelense. Segundo tradições e normativas oficiais, há de se precaver em relação aos supostos vazios de alta tecnologia e de

⁵ OZ, 2006, p. 31-33



cuidados higiênicos quanto aos alimentos árabes palestinos, pois eles podem estar contaminados, causando malefícios à saúde do povo israelense. No entanto, Amós Oz usa de ironia delicada para desconstruir essa alegoria do alimento produzido pelo estrangeiro estar contaminado, demonstrando que qualquer natureza alimentar é passível de variados problemas, que, na medida do possível, devem ser controlados; bem como as conformações de suas nacionalidades. Ou seja, da dietética se passa à questão política dos direitos e deveres que envolvem qualquer povo na sua luta pela formação de suas nações.

Por fim, Amós Oz, busca sua formação literária, muito baseada na obra do russo Liev Tolstói, para lhe tranquilizar a busca ética pela equilibração entre a dietética israelense e a dietética árabe palestina, como acompanhamos em:

E pensando bem, imagine com que profundo desprezo Tolstói olharia para uma pessoa que comprasse um tipo de queijo e não outro só por causa de diferenças de religião, nacionalidade e raça! E onde ficam os valores universais? Humanismo? Ama ao próximo como a ti mesmo?⁶

Dessa forma, conclui-se, perspectivado pela política do pacifismo, pela ideia de que a alimentação, como base pragmática vital para qualquer e todo ser humano, independe de nacionalidade, religiosidade e de raça, entre outros marcadores psicossociais de alteridade, entre os seres e sociedades. Mesmo valorizando, de modo justo e necessário, os incansáveis trabalhadores israelenses que devotaram suas vidas à formação e consolidação do sistema de *kibutzim* no país, no que se configura uma das básicas narrativas que imaginam e realmente concretizam a nova nação⁷ que será instaurada oficialmente em 1948, percebe-se que o autor não menospreza ou exclui as realidades produtivas de alimentos e seus correlatos que são efetivadas pela vizinhança árabe palestina. Se de início se opta pelo produto próprio e nacional, no desbordamento da reflexão, há de também se

⁶ OZ, 2006, p. 31-33.

⁷ Por nação imaginada e consolidada pragmaticamente, seguimos aqui as reflexões de Benedict Anderson, tanto em seu caráter de precaução quanto ao excesso de imaginação exclusivista de certos povos, quanto à fidelidade em relação às necessidades pragmáticas no que diz respeito às lutas variadas para a identificação nacional com bases seguras e controláveis. Para ele: “A dificuldade, parte, consiste na tendência inconsciente que as pessoas têm de hipostasiar a existência do nacionalismo com N maiúsculo (como se alguém pudesse ter uma Idade-com-I-maiúsculo) e, então, de classificá-“lo” como uma ideologia. (Nota-se que, se todos têm uma certa idade, a Idade é apenas uma expressão analítica”. (ANDERSON, 2008, p. 31-32).



valorizar e situar historicamente a produção alheia de alimentos, buscando formas de se respeitar e, se possível, de auxiliar no desenvolvimento pragmático dessa produção alimentícia da vizinhança que também lhe é constitutiva na ideia de nação.

O dispositivo dessa dietética exemplificada acima produz a sensação da substancialidade e singularidade nacional do povo israelense. Essa identidade é semelhante ao contexto do ritornelo⁸, pensado por Gilles Deleuze e Félix Guattari. Para esses dois pensadores contemporâneos, o ser humano tende a procurar situações que o reforcem, dando-lhe segurança regular, diante de contextos desconhecidos e incontroláveis. Perante condições enigmáticas e imprevisíveis, como os pássaros cantam para demarcar seu território de previsibilidade em plena e robusta floresta, seja durante o dia ou à noite, o ser humano também produz ritornelos que o tranquilizam por criar espacialidades e situações nas quais se produzem e se garante determinado controle e paz para equilíbrios da vida social cotidiana.

No entanto, os ritornelos criadores de condições de pertencimento identitários são frágeis, pois temporários e mutáveis, nos desdobramentos ontológicos que envolvem a vida humana, bem como de qualquer outro tipo de vida. Os lugares se modificam, as temporalidades trazem novos valores, princípios e hábitos. Assim, se um povo labora para produzir sua identidade nacional de modo substancial e singular, sua necessidade de excluir culturais diferentes que podem obstaculizar seu propósito será intensa em certa fase de sua evolução; porém, a evolução histórica cobrará a necessidade de diálogos multiculturais com as socioculturas tidas como exógenas, diferentes e perigosas. Assim, novos ritornelos deverão ser produzidos numa espécie de terceiro espaço,⁹ já hibridizado historicamente pelas culturalidades próprias e pelas alheias.

⁸ Por ritornelo, esse dispositivo analítico proteiforme e de grande utilidade para análises sobre processo de produção identitária, observados no campo das Ciências Humanas, Ciências Sociais, linguagens e artes, Gilles Deleuze e Félix Guattari ensina: “Sublinhou-se muitas vezes o papel do ritornelo: ele é territorial, é um agenciamento territorial. O canto de pássaros: o pássaro que canta marca assim seu território. [...] O ritornelo pode ganhar outras funções, amorosa, profissional ou social, litúrgica ou cósmica: ele sempre leva terra consigo, ele tem como concomitante uma terra, mesmo que espiritual, ele está em relação essencial com um Natal, um Nativo” (1997, p. 102-103).

⁹ Por terceiro espaço, e/ou as situações criadas por movimentos de hibridizações culturais, bem como pela natural mobilidade espacial e temporal feita pelas sociedades na dinâmica de sua constituição como nações singulares, bem como,



2 Quando a mixofilia prevalece sobre a mixofobia

A cidade produtora do tal queijo, do qual Amós Oz nos relatou e que tanto refletiu sobre o caso – excerto que citamos acima, é Lifta, que era uma pequena vila árabe palestina que existia nos arredores de Jerusalém, no começo do Séc. Vinte. Ela representa a histórica necessidade de convivência entre os povos israelenses e os palestinos no território que se vislumbra, de modo otimista, a possível formação de dois estados independentes, mas, ao mesmo tempo, interligados por multiculturalidades milenares que são dimensionadas pelas relações cosmopolitas da contemporaneidade.

O bairro no qual a família de Amós Oz vivia, antes de ele decidir morar no kibutz de Hulda, é descrito com todas as cores do cosmopolitismo diaspórico¹⁰, seja nacional e/ou profissional, da época, como acompanhamos em:

A maior parte de nossa vizinhança se compunha de funcionários de baixo escalão, comerciantes, varejistas, caixas de banco, bilheteiros de cinema, dentistas, professores, funcionários de escolas e professores particulares. Não eram religiosos: costumavam ir à sinagoga apenas no *Yom Kippur*, o Dia do Perdão, e, às vezes, na festa de *Simchat Torá*, que comemora o recebimento da Torá pelos judeus aos pés do monte Sinai, na saída do Egito. Mas sempre acendiam velas de *Shabat*. Para manter um toque de judaísmo, mas também, quem sabe, como uma espécie de precaução, para estar do lado seguro. [...] Esses vizinhos, que se reuniam em nosso

ainda, pela necessidade de as sociedades contemporâneas, para seu aperfeiçoamento tecnológico e ético, terem de resgatar vozes passadas de segmentos sociais que foram silenciados por questões sociopolíticas, queira acompanhar AUGÉ, 2010; BENJAMIN, 1987; e BHABHA, 1998.

¹⁰ Por esse multiculturalismo diaspórico, aliado à necessidade de uso e consolidação do que seria o idioma oficial do Estado de Israel, queira acompanhar o seguinte fragmento: “Os livros estavam por toda a casa: meu pai lia em dezesseis ou dezessete idiomas diferentes e falava onze (todos eles com sotaque russo). Minha mãe falava seis ou sete idiomas e lia em sete ou oito. Falavam entre si em russo ou polonês quando não queriam que eu entendesse (quase sempre não queriam — quando mamãe disse uma vez na minha presença a palavra “cavalgadura” em hebraico, e não numa das outras línguas”. (OZ, 2006, p. 7-8).



quintal nas tardes de sábado para um copo de chá russo, eram, quase todos, pessoas desamparadas.¹¹

Dado o excerto, notamos que o marcador psicossocial da alteridade que é acentuado também aí é o da formação cultural religiosa movida por certa laicidade de uma classe média israelense que se preocupa mais em sanar suas necessidades prementes do que se lançar em movimentos conservadores para a construção de uma teocracia nacional. O tal “copo de chá russo”, também participa, pois, dessa dietética de formação do Estado de Israel, na perspectiva da integração de culturalidades próprias hibridizadas pelas culturalidades alheias, no caso as da Europa Oriental influenciadas por práticas asquenazitas, entre outras. Bem como essa situação se interculturaliza com práticas judaicas regulares e com as seculares; observa-se, então, a perspectivas de dietéticas dos segmentos árabes palestinos que, por vezes, naquela época e ainda hoje, podem habitar o bairro vizinho, dada a constituição da nacionalidade israelense em territórios que também possuíam e ainda possuem, mesmo com razoáveis expulsões políticas, grande número de famílias árabes palestinas.

Esse grupo, ao qual se junta a família de Amós Oz, é notoriamente movido pela dinâmica da mixofilia,¹² pois é instado a conviver com pessoas de origens nacionais heterogêneas, mesmo que com o comum solo cultural semítico. Dessa forma, estão psicossocialmente preparados a se relacionarem de modo mais flexível com a vizinhança árabe palestina que lhe circunda e, que por vez, até mesmo vive em seu próprio meio, funcionando também como substrato cultural constituinte.

Ou seja, a formação de uma roda de conversa, em um bairro de Jerusalém, projeta uma imagem sólida da nação que se pretende construir. A roda de conversa é abastecida por um “copo de chá russo” que é tomado por uma variedade de pessoas unidas por culturalidades israelenses, sejam religiosas ou seculares, que não se furtam de observar que, por vez, do outro lado da rua há famílias árabes palestinas que produzem, por exemplo, entre tantos outros alimentos, queijos,

¹¹ OZ, 2006, p. 28-29.

¹² Por mixofilia, seguimos as reflexões de Zigmunt Bauman, quando este pensador trata das dinâmicas dos encontros multiculturais entre pessoas e/ou grupos sociais heterogêneos com suas típicas semelhanças e dessemelhanças. Para ele: “Há duas reações opostas a esse fenômeno nas cidades contemporâneas (e nos países contemporâneos): a mixofobia, o típico medo de se envolver com estrangeiros, e a mixofilia, o prazer de estar num ambiente diferente e estimulante. As duas tendências conflitantes têm mais ou menos a mesma força: às vezes prevalece a primeira, às vezes a segunda”. (BAUMAN, 2013, p. 5.).



que podem ser consumidos junto com esse chá, ou com um bom vinho produzido em algum kibutz básico para a instalação de milhares de famílias que alicerçarão o novo Estado de Israel. E tendo a narrativa de Amós Oz em perspectiva, a reunião de pessoas semelhantes, por algum substrato sociocultural, ficará mais otimizada e razoável quando o tal vinho for produzido, por exemplo singular, no histórico, clássico e libertário *Kibutz de Hulda*, para o qual Amós Oz se dirige em sua adolescência, desenvolvendo suas habilidades eco-agropecuárias, bem como suas habilidades em se formar para assumir o lugar social de um intelectual que aglutina conhecimentos formais e informais da tradição, oficial ou secular, do Estado de Israel, que sabe ser dialético e empático com sua vizinhança árabe palestina, que também lhe é ontologicamente constitutiva.

3 O kibutismo e seus ideais da nação libertária, coletiva e inclusiva

Amós Oz, na obra que acompanhamos aqui, *De amor e trevas*, discorrerá tanto sobre sua vida com sua família, na época em que morava em Jerusalém, como discorrerá, até mesmo de modo mais robusto, sobre sua longa permanência no *Kibutzim de Hulda*.¹³ Essa será sua territorialidade de corpo e alma, como se costuma dizer quando algo nos plenifica. Mesmo com suas variadas viagens pelo Oriente Médio e pela aldeia global no objetivo de divulgar suas ideias e obras, Amós terá sua existência satisfeita em um kibutz¹⁴ que lhe proporcionava meios

¹³ Sobre a importância do *Kibutzim de Hulda* para a vida de Amós Oz, Giosè Blerim Latifi nos conta, após viagem ao túmulo de Amós nesse kibutz, que: “Em Hulda, percebi que mesmo a personificação de um fazendeiro lia livros à noite e os discutia o dia todo. Enquanto colhiam azeitonas, eles debatem sobre Tolstói, Plekhanov e Bakunin, a revolução permanente versus revolução em um país. [...] Enquanto arrumavam os ovos na casa de campo, eles discutiram como reviver os antigos festivais judaicos para celebração em um ambiente de aldeia. Enquanto podavam fileiras de videiras, eles se chocavam sobre a arte moderna.” Esse espírito ainda continua em Hulda, e temos como exemplo o filho de David: ele cresceu trabalhando em campos de kibutz e agora foi para os Estados Unidos fazer uma dissertação sobre física nuclear. Judeus vindos das elites culturais europeias fundaram não apenas Hulda, mas também outros kibutzim em todo o Israel. Eles fundiram o sonho da antiga pátria dos ancestrais com sua visão de mundo ocidental, e essa união resultou na democracia israelense, que na verdade é hoje a única democracia real no Oriente Médio”. (LATIFI, 2023).

¹⁴ Sobre o “kibutismo” como fator cultural e sociopolítico da formação e consolidação do Estado de Israel, em estudo sobre a poetisa israelense Dahlia Ravikovicht, reflete da seguinte forma, forma essa que também pode ser aplicada



para, tanto seu desenvolvimento intelectual, quanto para o seu desenvolvimento como pessoa que cultiva a terra em toda sua potencialidade produtiva, de modo ecologicamente correto e culturalmente inclusivo, em relação aos vizinhos de outras nações.

No início de sua abrangente narrativa, seja do ponto de vista pessoal, seja do ponto de vista coletivo, o pensador ativista já nos indicia sua ânsia de harmonizar a vida urbana (demasiadamente civilizada) com a vida campesina (matriz de toda nossos tecnicismos civilizacionais). Vejamos um excerto que nos exemplifica isso:

Às vezes eu ia com meus amigos até o pátio da Cooperativa Agrícola, a Tnuva, só para vê-los chegar de lugares distantes, de além das montanhas escuras, os caminhões carregados com os frutos do seu trabalho, “cobertos de pó e de armas, com pesadas botinas nos pés”. Ficava rondando por ali para sentir o aroma do feno, para me embriagar com o cheiro das distâncias: lá, onde eles vivem, é que tudo acontece de verdade, eu pensava. Lá se constrói um país e se conserta o mundo. Lá desponta uma nova sociedade, uma nova paisagem toma forma e se escreve uma nova história, lá se aram os campos e se plantam vinhedos, lá se escreve uma nova poesia, lá cavaleiros armados patrulham solitários, prontos para responder com fogo ao fogo dos árabes saqueadores, lá se transformam pobres trapos humanos em uma nação ativa e combatente. Meu sonho

ao contexto de Amós Oz: “Bem sabemos o papel que este dispositivo político do kibutz desempenhou na formação do estado de Israel contemporâneo, a partir de 1948. Ou seja, seus valores, crenças e comportamentos formaram aquelas bases para a população israelense se fixar, de modo concentrado e cooperativo, em uma região que muitas destas pessoas sequer conheciam de modo pragmático, antes da criação um tanto arbitrária deste estado. O kibutz, em perspectiva crítica, traduz então uma frente do conservadorismo cultural que pode criar, manter e disseminar um horizonte existencial reacionário perante necessidades prementes de integração com populações vizinhas e afins, como são as palestinas. No entanto, atualmente esse “kibutismo” vem perdendo seu espaço prático e ideológico com a consolidação das grandes cidades deste estado híbrido que é o israelopalestino. Para mais detalhes sobre o fenômeno do “kibutismo” no Oriente Médio, ver: LAQUEUR, 1972; RAYMAN, 1981; e SEGEV, 2000.”



secreto era um belo dia ser levado embora com eles, para também me transformar em ativo combatente.¹⁵

Os *kibutzim* e os *moshavim* antecipam a fundação do Estado de Israel, bem como o consolidam como nação do Oriente Médio, em suas estreitas conexões globais com as variadas comunidades israelenses dispostas de modo histórico no mundo inteiro. São deles que também brotam as relações bélicas ou pacíficas com os demais povos presentes nessa imaginação factual da nação. Uma nova sociedade se desponta nessas espacialidades de ruralidade coletiva. Fonte de alimentos vitais à população, muito disso através de grades cooperativas como a Tnuva,¹⁶ tais espacialidades são enriquecidas enormemente pela perspectiva de Amós Oz, pois tais espaços também são fontes de pessoas que cuidam da terra e dos arquivos das culturalidades do povo israelense; seja dos arquivos milenares, seja dos arquivos multiculturais que se produzem na contemporaneidade.

Um dos sonhos do autor é também ser levado para tais comunidades, como de fato, por conta própria, ele o realizará. Mesmo sabendo que as pessoas de seu convívio em Jerusalém

almejavam viver a vida natural do campo, o trabalho primordial com a terra, de sol a sol, nas plantações e pomares da mãe natureza. Mas não conseguiam cuidar nem mesmo da mais singela das plantinhas de vaso – quem sabe as regavam tanto que as coitadinhas acabavam por morrer afogadas. Ou se esqueciam de regar. Ou quem sabe era tudo culpa do governo britânico, inimigo, que costumava misturar cloro na nossa água.¹⁷

¹⁵ OZ, 2006, p. 13-14.

¹⁶ Sobre essa histórica e fundamental cooperativa de agropecuária israelense, temos que: “Tnuva, ou Tenuvah, em hebraico: תנובה, *fruta* ou *produto*, é uma empresa israelense de produção e comércio massivo de alimentos. A empresa detém em Israel uma participação de mercado significativa na área de produção de leite potável, produtos lácteos e sua comercialização. Durante seus primeiros setenta anos, foi uma cooperativa israelense de processamento de alimentos (cooperativa) de propriedade dos kibutzim (fazendas coletivas) e moshavim (comunidades agrícolas), e historicamente especializada em leite e laticínios, além de vendas de carnes, ovos e alimentos embalados.” (TNUVA, 2023).

¹⁷ OZ, 2006, p. 10-11.



O projeto de vida, nos moldes da filosofia ecológica de vida de Liev Tolstói, uma das bases culturais russas de grande influência formacional para Amós Oz, é colocado em plano concreto e crítico quando o autor constata a pouca formação técnica de seu povo para o cultivo do campo, e um campo historicamente árido como o é o do Oriente Médio, como urgia as necessidades de sua época.

Cobra-se, de forma crítica e até mesmo romântica de início, a formação tecnológica específica para os “discípulos israelenses de Tolstói” plenificar sua existencialidade no entrelugar entre o mundo urbano e o mundo interiorano das ruralidades que sistematicamente alimentam todas as cidades que conformam a nação. A utopia se transformará em realidade bem concreta quando Amós Oz se encaminha para sua odisseia pessoal/coletiva em Hulda,¹⁸ como, segundo ele próprio afirma: “Para que a minha vida também se convertesse numa nova

¹⁸ O *Kibutzim* de Hulda (kibutzim como junção de vários aglomerados agropecuários rurais) foi e continua sendo um dos mais famosos do Estado de Israel. Sua história remota os primórdios dos planejamentos semitas para a construção do Estado de Israel, sendo que ele se efetiva como região produtora de alimentos nas primeiras décadas do século passado. Suas culturas variadas de frutas, cereais, verduras, carnes e demais alimentos sustentaram grande número de israelenses (e também de árabes palestinos) por décadas. Seus parreirais, por exemplo, ainda são dos maiores de Israel, com seus vinhos adquirindo fama nacional e internacional. Ele é um espaço com notório destaque, pois, como já mencionamos várias vezes nesse breve estudo, foi o local escolhido por Amós Oz para passar grande parte de sua vida em seus aperfeiçoamentos intelectuais e nas tecnologias ecológicas dos cuidados com a terra para sua produção alimentar. É o local de sua fixação de “coração e de alma”, como se costuma dizer; bem como é o local onde Amós está sepultado por escolha pessoal. Hulda é o ponto de conexão entre a personalidade mais íntima desse pensador ativista com os pontos internacionais que conformam sua índole cosmopolita. De um campo deserto, no começo do Séc. vinte, Hulda se transformou, com muito trabalho árduo e convicção na necessidade de se construir um estado soberano, em um dos corações para a dietética israelense, seja ela religiosa ou laica. E de modo derivativo, tal *kibutzim* também influenciou os modos e meios de cultivos de agricultura e de pecuária para os árabes palestinos que conviviam com suas movimentações produtivas e comerciais. Isso tudo, apesar de hoje em dia tais aglomerações terem sido compradas por multinacionais que mais se preocupam com relações de comércio lucrativas do que com tradições multiculturais que lastreiam a região.



canção, uma vida limpa, honesta e pura como um copo de água gelada num dia de sharav”.¹⁹

Considerações finais

Este breve estudo objetivou analisar alguns dados da dietética judaica, em sua dimensão tradicional e, sobretudo, na secularizada, na narrativa *De amor e trevas*, de Amós Oz. Nessa obra, o autor traça robusto, complexo e heterogêneo panorama de sua formação pessoal, bem como, e sobretudo, da formação e consolidação do Estado de Israel relacionando com sua vizinhança árabe palestina.

Rememorando sua educação como uma voz israelense produzida entre a tradição religiosa e, predominantemente, a secularizada, Amós Oz reforçará a necessita do equilíbrio, nos moldes de Liev Tolstói, de se equilibrar a vida civilizacional urbana com a vida civilizacional campesina.

No recorte temático para essa análise, valorizamos o campo da produção de alimentos que tiveram importância fundamental para a formação do Estado de Israel, bem como para sua vizinhança formada por populações árabes palestinas.

Também se observou a profunda ligação de Amós Oz com as realidades coletivas dos *kibutzim* dos *moshavim*, bem como sua importância para se dominar tecnologias agropecuárias em consonâncias com diretrizes ecológicas, e, sobretudo, com a construção de espaços campesinos capacitadores da formação intelectual dos trabalhadores da terra. Dessa forma, plenifica-se o projeto de formação intelectual e técnica no sentido de o ser humano cultivar os meios naturais, bem como cultivar a si mesmo, como riqueza humana inclusiva, crítica e dialógica.

Na dietética perspectivada de modo dialético e crítico, no que se verticalizou aqui da obra do autor, observa-se que as normativas tradicionais da alimentação são colocadas em campo de flexibilização multicultural quando se percebe que a vida real, no que diz respeito à alimentação vital, obriga a humanidade a estabelecer prioridades, das quais, por vezes, os marcadores psicossociais da alteridade como região, religião, nacionalidade, entre outros, perdem sua relevância de tradições acríicas, do ponto de vista social, político e cultural.

Nessa postura humanista, dialética e pacifista, Amós Oz nos revela, na obra em questão, a vital importância dos *kibutzim* e dos *moshavim* na produção de territorialidades existenciais que, por vezes, capacita o povo israelense a cultivar seus alimentos, tendo em mente, de modo prévio e cauteloso, a necessidade do

¹⁹ OZ, 2006, p. 11.



fundamental cultivo da tolerância possível e necessária para as relações multiculturais, e até mesmo transculturais, do povo israelense com o povo árabe palestino.

Se há trevas na índole bélica entre tais povo no decorrer do século, haverá de ser maior o lastro do amor, representado pelo respeito e empatia com sociedades diferentes que convivem diuturnamente nas mesmas espacialidades geoculturais do Estado de Israel. E a dietética hibridizada de ambos os povos pode vir a ser um dos motores que proporcionarão a concretização do projeto pacífico da criação dos dois estados; projeto este sistematicamente defendido por Amós Oz.

Referências

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AUGÉ, Marc. *Por uma antropologia da mobilidade*. Tradução de Bruno César Cavalcanti e Rachel Rocha de Almeida. Maceió: EDLTFAL/UNESP, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. Sobre Mixofilia e mixofobia. In: BAUMAN, Zygmunt. *Sobre educação e Juventude: Conversas com Riccardo Mazzeo*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros, 2013.

BENJAMIM, Walter. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas*. v. 1. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 3 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Avila; Eliane Livia reis; Glauce Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CHABAD.ORG. *Koshering your kitchen*. Disponível em: https://www.chabad.org/library/article_cdo/aid/82667/jewish/Koshering-Your-Kitchen.htm. Acesso em: 10 fev. 2023.

CANESQUI, Ana Maria; GARCIA, Rosa Wanda Diez. *Antropologia e nutrição: um diálogo possível*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. "1837: Acerca do ritornelo. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia*. v. 4. Coordenação e tradução de Ana Lúcia Oliveira. São Paulo: Editora 34, 1997.

ENDE, Shamai. *Cashrut e shabat na cozinha judaica: leis e costumes*. 3 ed. São Paulo: Chabad, 2006.



FERNANDES, Pedro. *De amor e trevas, de Amós Oz*. Disponível em: <https://www.blogletras.com/2020/07/de-amor-e-trevas-de-amos-oz.html>. Acesso em: 15 jan. 2023.

GRUNBLATT, Joseph. *Thinking Kosher*. Disponível em: <http://www.ou.org/kosher>. Acesso em: 15 fev. 2023.

JEWISH VIRTUAL LIBRARY. *Amós Oz (1939-2018)*. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/amos-oz>. Acesso em: 15 abr. 2023.

KOSHER CHECK. *Business benefits*. Disponível em: <https://koshercheck.org/certification/business-benefits>. Acesso em: 3 fev. 2023.

LATIFI, Giosuè Drelo Giosuè Blerim. *A Pilgrimage to Amos Oz's Grave*. Disponível em: <https://www.jpost.com/israel-news/a-pilgrimage-to-amos-ozs-grave-598710>. Acesso em: 25 mar. 2023.

LAQUEUR, Walter. *A History of Zionism*. New York: MJF Books, 1972.

LIMA, Maria De Fátima Farias de. *Comida como cultura*. *Revista de Ciências Sociais, Brasil*, v. 40, n. 1, p. 107-111, 2009.

OZ, Amós. *De amor e trevas*. Tradução de Milton Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PEACE NOW ORG. *Peace Now*. Disponível em: <https://peacenow.org.il/en>. Acesso em: 25 mar. 2023.

RAYMAN, Paula. *The Kibbutz Community and Nation Building*. Princeton University Press, 1981.

SANTANA, Jorge Alves. *A dicção israelo-palestina em dois poemas de Dahlia Ravikovitch*. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 12, n. 22, mai. 2018.

SACKS, Jonathan. *One People? Tradition, Modernity and Jewish Unity*. Washington: The Littman Library of Jewish Civilization, 1993.

SEGEV, Tom. *One Palestine, Complete: Jews and Arabs under the British Mandate*. New York: Metropolitan Books, 2000.

TOPEL, Marta Francisca. *As leis dietéticas judaicas: um prato cheio para a antropologia*. *Revista Horizontes Metodológicos*, v. 9, n. 19, jul. 2003.

MONTANARI, Massimo. *Comida como cultura*. São Paulo: SENAC, 2008.

RODEN, Claudia (Douek). *The Book of Jewish Food: An Odyssey from Samarkand to New York*. Nova York: Knopf, 1996.



SELBY, Eliyahu. Who's Watching the Store? Self-regulation in the Kosher Food Sector is a Possible Model for Food Regulation and Inspection. *Behind the Union Symbol*, Nova York, p. 1-14, mar. 2013. Disponível em: <https://www.jstor.org>. Acesso em: 20 mar. 2023.

SHAPIRO, Samantha M. *Kosher Wars*. New York Times, Nova Iorque, out. 2006. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2008/10/12/magazine/12kosher-t.html>. Acesso em: 15 fev. 2023.

TNUVA. *Tnuva: Israel's largest food manufacturer*. Disponível em: <https://www.tnuva.co.il>. Acesso em: 23 mar. 2023.

Recebido em: 23/02/2023.

Aprovado em: 28/02/2023.